

8/8/2018

Comboios

O verão quente da CP – Comboios de Portugal

As temperaturas baixaram, mas a situação na CP mantém-se acesa. Têm sido semanas bastante atribuladas para a empresa devido à falta de esclarecimento sobre as diversas queixas dos passageiros, de norte a sul do país. Do ponto de vista dos utilizadores, a solução é simples: serviços realizados por comboios seguros, confortáveis e pontuais.

As queixas: em 2017, o livro de reclamações da CP totalizou 3.856 ocorrências, o que somadas às reclamações no Portal das Queixas e outras plataformas, atingiu um total de 24.365: em média, 67 queixas diariamente. O Portal das Queixas divulgou esta terça-feira que, desde o início do ano, e até ao dia 5 de agosto, foram apresentadas 277 reclamações contra o operador ferroviário nacional, um aumento de 83% face ao período homólogo.

Entre as reclamações “mais comuns” constam os atrasos, as supressões, a falta de condições nas carruagens (nomeadamente avarias no sistema de ar condicionado) ou o engano no preço dos bilhetes.

Se falhas existem, porque não investe a CP? Outra pergunta à qual a empresa não tem respondido. Segundo a Unidade Técnica de Apoio Orçamental (UTAO), a CP tem uma verba de 44 milhões de euros para gastar em 2018, todavia, apenas investiu cerca de 4,7 milhões de euros no primeiro semestre do ano. Os gastos são diminutos e a contenção de despesa impera no universo da CP desde que o conselho de administração de Carlos Nogueira tomou posse, há pouco mais de um ano.

Os alarmes soam no conselho de administração da CP – Comboios de Portugal. Perante a saída da equipa de gestão liderada por Carlos Nogueira, notícia avança pelo Público esta terça-feira, o Executivo apaziguou os ânimos garantindo que “*o conselho de administração da CP está a trabalhar normalmente*”. Fonte oficial do Ministério do Planeamento e das Infraestruturas assegura que “*o Governo desmente as notícias divulgadas sobre o conselho de administração da CP e esclarece que este se encontra a desempenhar regularmente as suas funções*”.

Entretanto, a oposição também se pronunciou sobre a saída de cena da administração da CP. “*Mais importante era que o Governo reconhecesse os problemas e apresentasse um plano para a sua resolução*”, disse Adolfo Mesquita Nunes, vice-presidente do CDS-PP, ao Negócios. Carlos Silva, deputado do PSD, também reconhece que não seria “*com a saída da administração da CP que o problema fica resolvido*”. Já o PCP considera que “os

recentes casos relatados sobre problemas na operação da CP são tão só a evidência de uma situação que o partido há muito tem denunciado”.

Mais explicações sobre o “atraso” da CP, só em setembro, quando Carlos Nogueira, presidente da CP, e Pedro Marques, ministro do Planeamento e das Infraestruturas, forem ouvidos na Assembleia da República.

Atenta à situação está também a Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT). O regulador já questionou a CP sobre os constrangimentos, atrasos e cancelamentos das últimas semanas, numa altura em que as queixas dos utentes dispararam significativamente. Ao Negócios, a AMT esclarece que o pedido de informação à CP aconteceu antes das recentes notícias de problemas relacionados com os serviços da empresa. O *“apuramento é essencial para a avaliação dos factos concretos e comprovação do incumprimento de algum requisito legal, seja sobre obrigações de serviço público seja quanto a direitos dos passageiros”*, indica a AMT.

Por falar em atrasos, Portugal encontra-se na antepenúltima posição, apenas à frente da Roménia e da Bulgária, no índice da Railway Performance Index (RPI), que mede o desempenho dos sistemas ferroviários na Europa, ao nível da segurança, qualidade do serviço e intensidade de utilização da infraestrutura. Mostra o JN que Portugal soma apenas 2,4 pontos, muito atrás do melhor resultado (na tabela dos piores) ocupado pela Lituânia (3,9). A líder europeia é a Suíça, que lidera a tabela dos melhores classificados com 7,2 pontos.

Por: Pedro Venâncio

Fonte: